



Fome, economia e partilha: três chaves de leitura para a CF-2023

Hunger, economy and sharing:
three read keys for the CF-2023

*Jean Poul Hansen**

FACAPA

Recebido em: 07/11/2022. Aceito em: 12/12/2022.

Resumo: O presente artigo procura sintetizar em três chaves de leitura, a saber, fome, economia e partilha, a reflexão proposta pela CNBB para a Campanha da Fraternidade de 2023, cujo tema é Fraternidade e Fome e o lema “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14, 16), oferecendo assim, ao leitor uma introdução provocadora para que ele entre e compartilhe da reflexão e da ação proposta pela CF-2023. Seguindo o tradicional método pastoral latino-americano ver – iluminar – agir, propomos a nossa reflexão partindo da realidade da fome, iluminando-a com a perícope evangélica escolhida para CF-2023 e convidando a uma ação concreta e concretizadora do projeto de Jesus.

Palavras-chave: Fome. Economia. Partilha.

Abstract: This article seeks to synthesize in three reading keys, namely, hunger, economy and sharing, the reflection proposed by the CNBB for the 2023 Fraternity Campaign, whose theme is Fraternity and Hunger and the motto “Give them something to eat yourselves”. (Mt 14, 16), thus offering the reader a provocative introduction so that he can enter and share the reflection and action proposed by CF-2023. Following the traditional Latin American pastoral method to see – illuminate – act, we propose our reflection starting from the reality of hunger,

* Mestre em Teologia Dogmática (Universidade Pontifícia de Salamanca, Espanha, 2014). Graduado em Teologia (Instituto Interdiocesano São José, Pouso Alegre, MG, 2003). Graduado em Filosofia (Instituto Diocesano São José, Três Corações, MG, 1999). Docente na Faculdade Católica de Pouso Alegre (FACAPA), Pouso Alegre, MG. Membro da equipe de redação da Revista ECOando e assessor do Setor de Campanhas da CNBB. Presbítero da Diocese da Campanha, MG.

E-mail: hj76@hotmail.com.

<http://lattes.cnpq.br/0484082437055103>.

<https://orcid.org/0000-0001-5927-416X>.





illuminating it with the evangelical pericope chosen for CF-2023 and inviting to a concrete and concrete action of the Jesus project.

Keywords: *Hungry. Economy. Share.*

Introdução

Pela terceira vez em 2023 a Campanha da Fraternidade trata do tema da fome. Já o fez em contextos diversos, como eram os de 1975 e 1985. Desta vez, iluminada pela perícopa evangélica de Mt 14,13-21 e, em especial, pelo imperativo jesuânico: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) faz eco às palavras do Papa Francisco:

Digamos NÃO a uma economia de exclusão e desigualdade, onde o dinheiro reina em vez de servir. Esta economia mata. Esta economia exclui. Esta economia destrói a Mãe Terra. A economia não deveria ser um mecanismo de acumulação, mas a condigna administração da casa comum. [...] Uma economia verdadeiramente comunitária – poder-se-ia dizer, uma economia de inspiração cristã – deve garantir aos povos dignidade, prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos¹

e nos propõe, no contexto atual, buscar no ensinamento de Jesus a nova lógica, capaz de gerar uma nova economia que promova vida digna para todos.

O Objetivo Geral da CF-2023 é “sensibilizar a sociedade e a Igreja para enfrentarem o flagelo da fome, sofrido por uma multidão de irmãos e irmãs, por meio de compromissos que transformem esta realidade a partir do Evangelho de Jesus Cristo”².

O presente artigo pretende, a partir do tradicional método ver – iluminar – agir, utilizado também no Texto-Base, propor à reflexão do leitor estas três chaves de leitura da CF-2023: fome, economia e partilha, a fim de produzir nele um envolvimento intelectual e prático-pastoral que coopere para a realização dos objetivos da CF-2023.

¹ FRANCISCO. *Discurso aos Movimentos Sociais, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, em 09/07/2015*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/confira-a-integra-do-discurso-do-papa-francisco-no-encontro-mundial-dos-movimentos-populares/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

² CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da Fraternidade 2023: Texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2022, Objetivo Geral, p. 9.



1 A fome, uma realidade no Brasil de 2022

A fome é um poderoso instinto natural de sobrevivência, presente em todos os seres animados. “É um fenômeno biológico que aciona uma sensação passageira de desconforto, um sinal breve do corpo, que indica a hora de comer”³.

Contudo, II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (II VIGISAN)⁴, informou que em abril de 2022, 58,1% dos domicílios brasileiros conviviam com alguma forma de Insegurança Alimentar, dentre os quais 15,5%, isto é, mais de 33 milhões de brasileiros, experimentavam uma Insegurança Alimentar Grave, ou seja, este instinto natural de sobrevivência não era uma sensação passageira, mas uma ameaça permanente à sua existência. É uma multidão que passa fome, o que significa na prática, segundo os critérios internacionais de Segurança Alimentar e Nutricional, não saber quando fará a próxima refeição, independente da sua quantidade (IA moderada) ou da qualidade nutricional (IA leve).

Esses números – como já era de se esperar – não estão igualmente distribuídos em todas as regiões do nosso país. Eles se manifestam de maneira mais acentuada nos domicílios rurais, nas regiões Norte e Nordeste, nas famílias que recebem menos de ¼ do salário-mínimo *per capita*, nos domicílios chefiados por mulheres ou por pessoas pretas e pardas e nas casas onde há ao menos um morador desempregado. Enquanto isso, menos de 10% da população detém mais de 90% da riqueza nacional, com expressivo crescimento dos ricos e suas riquezas durante a pandemia da Covid-19.

Confirma-se na geopolítica da fome no Brasil a dinâmica diagnosticada na América Latina por São João Paulo II, em Puebla: “ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres”⁵.

³ AÇÃO DA CIDADANIA, *Agenda Betinho 2022*, p. 19.

⁴ II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (PENSSAN), realizado por amostragem, em 12.745 domicílios urbanos e rurais de 577 municípios das 27 unidades da federação, nas cinco grandes regiões do Brasil, entre novembro de 2021 e abril de 2022, obtendo informações sobre 35.022 indivíduos.

⁵ JOÃO PAULO II. *Discurso Inaugural da Conferência de Puebla*, III, 3 (AAS, LXXI, p. 201).



As causas do escândalo da fome no Brasil⁶ são inúmeras: partem da estrutura fundiária injusta, marcada por uma perversa distribuição da terra desde a colonização portuguesa e vão até uma maléfica política agrícola que subjuga o sistema produtivo ao sistema econômico-financeiro, subsidiando prioritariamente a produção de *commodities* à produção de alimento saudável para a mesa do povo brasileiro. A agricultura familiar, responsável por 75% do alimento que vai para a mesa das pessoas, recebe cada vez menos investimentos e sofre cada dia mais com a burocratização. Não podemos nos esquecer da precarização da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), promovida pela Lei 13.467 de 2017, que prometia uma enxurrada de empregos, mas só trouxe desemprego e aumento do trabalho informal. No que diz respeito à fome, não é só necessário matar a fome ao faminto, mas, sobretudo emancipá-lo e, para isso, o trabalho e o emprego dignos são fundamentais.

Feito à imagem e semelhança do mesmo Deus no universo visível e nele estabelecido para que dominasse a terra, o homem, por isso mesmo, desde o princípio é chamado ao trabalho. O trabalho é uma das características que distinguem o homem do resto das criaturas, cuja atividade, relacionada com a manutenção da própria vida, não se pode chamar trabalho; somente o homem tem capacidade para o trabalho e somente o homem o realiza preenchendo ao mesmo tempo com ele a sua existência sobre a terra⁷.

Outro elemento digno de nota é a perversidade das políticas salarial e fiscal em nosso país: um salário-mínimo miserável que não contou com reajustes reais nos últimos anos e um conjunto de impostos que pesa nos ombros dos mais fracos. Nesse contexto, transferência de renda é fundamental, embora não seja suficiente. “É preciso valorizar o salário-mínimo, promover o emprego, redistribuir a terra”⁸.

Em 2002, os bispos do Brasil já denunciavam:

As raízes da fome estão, especialmente, na distribuição iníqua da renda e das riquezas, que se concentram nas mãos de poucos, deixando, na pobreza, enormes contingentes populacionais nas periferias urbanas e

⁶ O Texto-Base da CF-2023 trata das causas da fome no Brasil nos nn. 45-54.

⁷ João Paulo II. Carta Encíclica *Laborem Exercens*, prólogo. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

⁸ CNBB, *CF-2023*, Texto-Base, n. 51



nas áreas rurais. Essa concentração de renda e riqueza vem de longa data e segue uma lógica na qual o crescimento econômico do Brasil sempre aumenta a riqueza dos ricos, sem estender seus benefícios a quem não tem poder no mercado. A desregulamentação e flexibilização dos mercados vêm retirando do Estado sua função social e política, em prejuízo do seu dever de justa intervenção na economia e na redistribuição da renda. Entregue à lógica do jogo de concorrência que lhe é própria, o mercado premia os fortes e pune os fracos, aumenta o desemprego e oferece remuneração tão baixa aos trabalhadores e à maioria dos aposentados que não lhes permite adquirir alimento para uma subsistência saudável⁹.

O Texto-Base da CF-2023 apresenta ainda diversas relações necessárias à compreensão do fenômeno da fome no Brasil atual: fome e escassez hídrica, fome e moradia, fome e política, fome e ecologia, fome e educação, entre outras. E uma série de consequências da fome¹⁰.

Por fim, a CF reconhece o muito que se tem feito no combate à fome¹¹ no Brasil, ao elencar os reconhecidos trabalhos das diversas Igrejas, ONGs, Movimentos Sociais e outras instituições. Dentro do âmbito eclesial destaca-se o trabalho da Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP), da Caritas Brasileira e da Pastoral da Criança, fundada pela Dra. Zilda Arns.

2 Uma economia que mata

O texto evangélico escolhido para iluminar a CF-2023 (Mt 14,13-21) denuncia que na lógica dos discípulos de Jesus há, num primeiro momento, um descompromisso com a fome alheia: “*Ao entardecer, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: ‘Este lugar é deserto e a hora já está adiantada. Despede as multidões para que possam ir aos povoados comprar comida’*” (Mt 14,15). “A tendência dos discípulos é lavar as mãos diante das necessidades dos outros. Aconselham Jesus a mandar as multidões embora e que cada um se virasse para conseguir o alimento necessário”¹².

⁹ CNBB. *Alimento dom de Deus, direito de todos*. Exigências evangélicas e éticas para a superação da miséria e da fome. Disponível em: <https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-69-e28093-exigc3aancias-evangc3a9licas-e-c3a9ticas-de-superac3a7c3a3o-da-misc3a9ria-e-da-fome.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

¹⁰ Tratadas no Texto-Base da CF-2023 nos nn. 67-77.

¹¹ CNBB, *CF-2023*, Texto-Base, nn. 94-102.

¹² *Idem*, n. 21.



Os evangelhos revelam um povo sobrecarregado de dívidas e fome, atormentado pela paralisia física e social e em geral desesperado com as circunstâncias vividas e isso se deve à condição de pobreza estrutural da Palestina do primeiro século, causada especialmente por uma sede de desenvolvimento que não levou em consideração o empobrecimento de uma parcela da população. Os camponeses não tinham condições de arcar com a alta carga tributária imposta pelo Império Romano e, perdendo suas propriedades, eram forçados a migrar para as cidades, onde constituíam uma classe de pobres e mendicantes que eram marginalizados não apenas do ponto de vista social, mas também religioso¹³.

Diferentemente daquilo que está no coração de Jesus, os discípulos estão ainda movidos pela economia do Império Romano que, como a nossa economia, é, no dizer do papa Francisco, “uma economia que mata”. Mata pela indiferença, mata pelo descaso, mata pelo descarte das pessoas, quando prioriza o lucro, o mercado e não coloca no seu centro o ser humano, especialmente o mais vulnerável e faminto. O alerta de Jesus continua atual: “*Não podeis servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro*” (Mt 6,24). “É preciso dar ao dinheiro sua função de serviço ao homem, e não de deus do homem; ele deve servir, não reinar. Aqui fica claro: o dinheiro não é Deus”¹⁴, logo ele não é solução de todos os nossos problemas.

Sabemos que o problema não está no dinheiro em si, pois faz parte da vida diária das pessoas e das relações sociais. Devemos refletir, sim, sobre o valor que o dinheiro tem para nós: não pode tornar-se um absoluto, como se fosse o objetivo principal. Um tal apego impede de ver com realismo a vida de todos os dias e ofusca o olhar, impedindo de reconhecer a necessidade dos outros. Nada de mais nocivo poderia acontecer a um cristão e a uma comunidade do que ser ofuscados pelo ídolo da riqueza, que acaba por acorrentar a uma visão efêmera e falha da vida¹⁵.

“No coração de Jesus, jamais habitou a indiferença”, afirma o n. 15 do Texto-Base da CF-2023. Por isso, a resposta de Jesus aos seus

¹³ *Idem*, n. 130.

¹⁴ MESSIAS, Elvis Rezende e CRUZ, Dom Pedro Cunha. *O Evangelho Social: manual básico de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2020. p.132.

¹⁵ FRANCISCO, *Mensagem para o VI Dia Mundial dos Pobres*, XXXIII Domingo do Tempo Comum, 13 de novembro de 2022, n. 7. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20220613-messaggio-vi-giornatamondiale-poveri-2022.html>. Acesso em: 12 dez. 2022.



discípulos é dura: “*Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer*” (Mt 14,16). Aqui está o mais importante ensinamento de Jesus nesta perícopes, uma vez que o centro da atenção do Evangelho de Mateus está no que Jesus ensina, com seus discursos e palavras.

Jesus era assim: tinha sempre compaixão, pensava sempre nos outros. [...] Jesus comove-se. Jesus não é insensível, não tem um coração enrijecido. Jesus é capaz de se comover. Sente-se ligado àquela multidão. [...] A sua compaixão não é um sentimento indefinido; ao contrário, mostra toda a força da sua vontade de estar próximo de nós e de nos salvar. Jesus ama-nos em grande medida e quer permanecer perto de nós. [...] Ao cair da noite, Jesus preocupa-se em dar de comer a todas aquelas pessoas cansadas e famintas, e cuida de quantos o seguem. Ele quer que seus discípulos participem disto. E por isto, diz-lhes: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16). Assim demonstrou-lhes que os poucos pães e peixes que tinham, com a força da fé e da oração, podiam ser compartilhados com toda aquela multidão. [...] O Senhor vai ao encontro das necessidades dos homens, mas deseja tornar cada um de nós concretamente participantes da sua compaixão¹⁶.

Sua compaixão proativa é o nascedouro de uma nova lógica econômica, de um novo jeito de governar a casa comum (*oiko-nomos*). Mas, os discípulos não compreendem. Eles – como nós – têm grande dificuldade de mudar a chave, abrir mão da segurança da própria lógica para arriscar o novo, mesmo quando esse novo vem do Senhor Jesus. É nossa tarefa como Igreja e como teologia aclarar esta nova lógica econômica, que nasce do Evangelho e propô-la às nossas comunidades e à sociedade como um todo a partir do nosso exemplo. Isto exige de nossa instituição uma séria e sincera conversão, a fim de que seja ela – chamada a ser sacramento universal de salvação – a primeira a praticar esta nova economia em suas realidades administrativas.

“*Os discípulos responderam: ‘Só temos aqui cinco pães e dois peixes’*” (Mt 14,17). Eles foram realistas. Tinham pouca coisa, provavelmente o suficiente só para eles. A quantidade era pequena, mas era tudo o que eles tinham.

O quarto evangelista, naquela que talvez seja a mais célebre narração deste sinal realizado por Jesus e contado seis vezes pelos quatro

¹⁶ Francisco. *Audiência Geral de 17 de agosto de 2016*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160817_udienza-generale.html. Acesso em: 12 dez. 2022.



Evangelhos, acrescenta um diálogo significativo de Jesus com Filipe: “Jesus disse a Filipe: ‘Onde vamos comprar pão para que estes possam comer?’ [...] Filipe respondeu: ‘Nem duzentos denários de pão bastariam para dar um pouquinho a cada um’” (Jo 6,5.7). A nota explicativa da Bíblia, Tradução oficial da CNBB, diz que o *denário* equivale à diária de um operário. Ou seja, nem trabalhando duzentos dias seria possível alimentar aquela multidão com a lógica do mercado.

Era e é preciso uma nova lógica, capaz de gerar uma nova economia, que alimente as multidões famintas. O mercado neoliberal com sua sede insaciável de lucro e de poder jamais se deixará tocar pelo grito dos pobres e da terra. É preciso algo novo, algo que fuja a essa lógica, algo que supere esse modelo econômico excludente.

Quando a única lei passa a ser o cálculo do lucro no fim do dia, então deixa de haver qualquer freio na adoção da lógica da exploração das pessoas: os outros não passam de meios. Deixa de haver salário justo, horário justo de trabalho e criam-se novas formas de escravidão, suportada por pessoas que, sem alternativa, devem aceitar este veneno de injustiça a fim de ganhar o mínimo para comer¹⁷.

3 A partilha deve ser o paradigma de uma nova lógica

Ele disse: ‘Trazei-os aqui’. E mandou que as multidões se sentassem na relva. Então, tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção, partiu os pães e deu aos discípulos, e os discípulos os distribuíram às multidões. Todos comeram e ficaram saciados, e dos pedaços que sobraram recolheram ainda doze cestos cheios. Os que comeram foram mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças (Mt 14,18-21).

A nova lógica que invocamos para superar a fome e a miséria nasce no coração de Jesus e revela-se nas suas ações: “*trazei-os aqui*” (Mt 14,18), colocai tudo, ainda que seja pouco, a serviço daqueles que têm fome. Jesus convida, mais ainda, convoca à partilha. Não à partilha do

¹⁷ FRANCISCO. *Mensagem para o VI Dia Mundial dos Pobres*, XXXIII Domingo do Tempo Comum, 13 de novembro de 2022, n. 8. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20220613-messaggio-vi-giornatamondiale-poveri-2022.html>. Acesso em: 12 dez. 2022.



supérfluo ou do que sobra, mas à partilha do todo, de tudo o que se tem, ainda que seja pouco e o suficiente apenas para o seu próprio sustento. Afirma o Papa Francisco:

No caso dos pobres, não servem retóricas, mas arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através dum envolvimento direto, que não pode ser delegado a ninguém. [...] Urge encontrar estradas novas que possam ir além da configuração daquelas políticas sociais ‘concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres e muito menos inserida num projeto que reúna os povos’ (FT, 169)¹⁸.

A viúva de Sarepta, no Antigo Testamento, já havia sido profeticamente desafiada a esta nova lógica econômica da partilha:

Elias pôs-se a caminho e foi para Sarepta. Ao chegar à porta da cidade, estava ali uma viúva apanhando lenha. Ele a chamou e disse: “Por favor, traze-me um pouco de água numa vasilha, para eu beber”. Quando ela ia buscar água, Elias a gritou atrás dela: “Por favor, traze-me também um bocado de pão em tua mão!” Ela respondeu: “Pela vida do Senhor, teu Deus, não tenho pão. Só tenho um punhado de farinha numa vasilha, e um pouco de azeite na jarra. Eu estava apanhando dois pedaços de lenha, a fim de preparar esse resto para eu e meu filho comermos. Depois morreremos”. Elias replicou-lhe: “Não tenhas medo! Vai e faz como disseste. Mas, primeiro, prepara-me um pãozinho do resto da farinha e traze-o. Depois farás o mesmo para ti e para teu filho. Pois assim fala o Senhor, o Deus de Israel: ‘A vasilha de farinha não acabará e a jarra de azeite não diminuirá, até o dia em que o Senhor enviar a chuva sobre este solo’. A mulher foi e fez como Elias havia mandado. E comeram, ele, ela e sua casa, por muito tempo. A farinha da vasilha não acabou, e o óleo da jarra não diminuiu, conforme o Senhor havia dito por meio de Elias (1Rs 17,10-16).

Hoje como ontem, discípulos de Jesus que somos, precisamos aprender e reaprender a lógica da partilha, conscientes de que “o homem não vive somente de pão” (Mt 4,4), mas também de pão. Não é simplesmente aprender a partilhar. É aprender a pensar em todo o tempo e lugar, a partir do paradigma da partilha, a partir da lógica na qual o outro ocupa o primeiro lugar e não eu, onde o ser humano é o centro e não o lucro:

O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os ho-

¹⁸ *Idem*, n. 7.



mens e o homem todo, como justa e vincadamente sublinhou um eminente especialista [L. J. Lebret, O.P.]: “não aceitamos que o econômico se separe do humano; nem o desenvolvimento, das civilizações em que ele se incluiu. O que conta para nós é o homem, cada homem, cada grupo humano, até se chegar à humanidade inteira”¹⁹.

Numa economia de partilha, as soluções não vêm dos grandes bancos ou dos grandes conglomerados econômicos, mas da base, dos pequenos, conforme aponta o papa Francisco:

Que posso fazer eu, recolhedor de papelão, catador de lixo, limpador, reciclador, frente a tantos problemas, se mal ganho para comer? Que posso fazer eu, artesão, vendedor ambulante, carregador, trabalhador irregular, se não tenho sequer direitos laborais? Que posso fazer eu, camponesa, indígena, pescador que dificilmente consigo resistir à propagação das grandes corporações? Que posso fazer eu, a partir da minha comunidade, do meu barraco, da minha povoação, da minha favela, quando sou diariamente discriminado e marginalizado? Que pode fazer aquele estudante, aquele jovem, aquele militante, aquele missionário que atravessa as favelas e os parapeiros com o coração cheio de sonhos, mas quase sem nenhuma solução para os meus problemas? Muito! Podem fazer muito. Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos “3 T” (trabalho, teto, terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança nacionais, regionais e mundiais. Não se acanhem!²⁰

É o mesmo que ele diz na Carta para o VI Dia Mundial dos Pobres, celebrado em 13 de novembro de 2022: “Solidariedade é precisamente partilhar o pouco que temos com quantos nada têm, para que ninguém sofra. Quanto mais cresce o sentido de comunidade e comunhão como estilo de vida, tanto mais se desenvolve a solidariedade”²¹.

¹⁹ PAULO VI. *Carta Encíclica Populorum Progressio*, 14. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

²⁰ FRANCISCO. *Discurso aos Movimentos Sociais, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, em 09/07/2015*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/confira-a-integra-do-discurso-do-papa-francisco-no-encontro-mundial-dos-movimentos-populares/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

²¹ FRANCISCO. *Mensagem para o VI Dia Mundial dos Pobres, XXXIII Domingo do Tempo Comum, 13 de novembro de 2022*, n. 5. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/>



Há iniciativas concretas, antigas e novas, que buscam responder a esta necessidade de novos paradigmas para uma nova economia. O Texto-Base da CF-2023 apresenta três experiências: a Economia Solidária (nn. 103-105), a Economia de Comunhão (nn. 106-108) e a Economia de Francisco e Clara (nn.109-111).

Esta proposta de uma nova lógica que abranja todas as relações sociais, especialmente a economia, deve também estender-se à relação do humano com a ecologia:

Igualmente preocupante, ao lado do problema do consumismo e com ele estritamente ligada, é a questão ecológica. O homem, tomado mais pelo desejo do ter e do prazer; do que pelo de ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida. [...] Pensa que pode dispor arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas à sua vontade, como se ela não possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu, e que o homem pode, sim, desenvolver, mas não deve trair. Em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza, mais tiranizada que governada por ele²².

A Eucaristia é o sacramento deste novo paradigma, desta nova lógica. Celebrá-la diuturnamente deve ser penhor de aprendizagem, de conversão da lógica do acúmulo, da autopreservação, do egoísmo para a lógica da partilha, da ecologia integral, do amor-caridade que, em nós como em Jesus, deve ganhar contornos concretos de ação, de atitudes, de alimento repartido.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, o Papa Bento XVI afirmou:

“A união com Cristo, que se realiza no sacramento, habilita-nos também a uma novidade de relações sociais: ‘a mística do sacramento tem um carácter social, porque [...] a união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou hão de tornar seus’ (DCE, 14). A propósito, é necessário

francesco/pt/messages/poveri/documents/20220613-messaggio-vi-giornatamondiale-poveri-2022.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

²² JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Centesimus Annus*, 37. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: 12 dez. 2022.



explicitar a relação entre mistério eucarístico e compromisso social. [...] Através do memorial do seu sacrifício, Ele reforça a comunhão entre os irmãos e, de modo particular, estimula os que estão em conflito a apressar a sua reconciliação, abrindo-se ao diálogo e ao compromisso em prol da justiça. A restauração da justiça, a reconciliação e o perdão são, sem dúvida alguma, condições para construir uma verdadeira paz; desta consciência nasce a vontade de transformar também as estruturas injustas, a fim de se restabelecer o respeito da dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus; é através da realização concreta desta responsabilidade que a Eucaristia se torna na vida o que significa na celebração. [...] Na perspectiva da responsabilidade social de todos os cristãos, os padres sinodais lembraram que o sacrifício de Cristo é mistério de libertação que nos interpela e provoca continuamente [...] Precisamente em virtude do mistério que celebramos, é preciso denunciar as circunstâncias que estão em contraste com a dignidade do homem, pelo qual Cristo derramou o seu sangue, afirmando assim o alto valor de cada pessoa” (SCa, n. 89).

Conclusão

A conversão econômica capaz de superar o flagelo da fome em nosso Brasil deve começar em cada um de nós, passar por nossas comunidades eclesiais e estender-se à sociedade civil organizada. Tendo isto em vista, o Texto-Base da CF-2023 apresenta no IV capítulo diversas sugestões de ação para estes três âmbitos, consciente de que toda ação motivada pelo Evangelho deve passar da assistência à promoção e desta à transformação político-social.

Não é suficiente que nos lamentemos sobre a fome. É preciso, deixando-nos iluminar pela Palavra do Evangelho, anunciar por palavras e gestos proféticos, em nossas pregações, aulas, cursos, palestras e diálogos, esta nova lógica econômica capaz de superar a desigualdade e gerar vida plena para todos.

O texto do Evangelho escolhido para motivar a Campanha da Fraternidade deste ano, assim como o conjunto da Sagrada Escritura e da Sagrada Tradição, convida-nos à contemplação do não dito, do não expresso, do indizível. Desafia-nos a contemplar, lançando-nos corajosamente à vivência do que é mistério, sem buscar o atalho humano da tentativa da explicação. Na narrativa de Mateus, no princípio, há uma multidão faminta e os discípulos não sabem o que fazer. São ofertados pães e peixes, mas aparentemente insuficientes para alimentar uma



multidão. No fim, todos estão saciados e o alimento ainda sobra. O que há entre uma situação e outra? Há Jesus, que não obstante o mistério de sua pessoa e ação, ensina aos discípulos o que precisa ser feito. Há a graça advinda de Jesus, mas também o serviço que cada discípulo aprende e executa. Há apenas um fio a costurar todos os acontecimentos dessa narrativa e tal fio é o do mistério inefável da compaixão de Deus, que não se deixa levar pelo sentimento, mas se torna ação concreta e saciedade das necessidades mais simples, mais humanas. Quando olhamos para a situação da fome no Brasil e nos deparamos, também, com a fartura da produção e da exportação de alimentos e quando, pela fé, temos a certeza de que não nos faltam Jesus e sua graça, fica claro que só pode mesmo estar faltando o serviço do discípulo, o nosso serviço²³.

Na perspectiva da Teologia Latino-Americana que reflete o ensinamento evangélico onde estão postos os pés do teólogo, temos aqui uma grande tarefa teológica: desinstalados pela fome de uma multidão de irmãs e irmãos nossos, refletir, esclarecer, fundamentar e propor esta nova lógica gestada no coração, no ensinamento e nos atos de Jesus, que inaugura uma nova economia da partilha, da vida em plenitude – que começa aqui, embora se complete no céu.

É preciso, ainda, acolher o desafio proposto por Francisco de ser uma “Igreja em saída”, que construa com e não para os pobres, e ir ao encontro do faminto, ouvir a sua fome, questionar as suas causas, partilhar a nossa fé e construir soluções nascidas deste encontro, deste diálogo.

“Não é o ativismo que salva, mas a atenção sincera e generosa que me permite aproximar dum pobre como de um irmão que me estende a mão para que acorde do torpor em que cai [...] Na realidade, os pobres, antes de ser objeto da nossa esmola, são sujeitos que ajudam a libertar-nos das armadilhas da inquietação e da superficialidade”²⁴.

Isto é conversão! Esta é a proposta da Quaresma! E, nela, da Campanha da Fraternidade! Conversão pessoal, conversão eclesial, capaz de promover a conversão social, da qual todos seremos beneficiados já aqui,

²³ *Idem*, n. 155.

²⁴ FRANCISCO. *Mensagem para o VI Dia Mundial dos Pobres, XXXIII Domingo do Tempo Comum, 13 de novembro de 2022*, n. 7. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20220613-messaggio-vi-giornatamondiale-poveri-2022.html>. Acesso em: 12 dez. 2022.



com “pão em todas as mesas”²⁵ e depois, com um “banquete de ricas iguarias” (Is 55,1-3), que seja plenitude de tudo aquilo que sonhamos e construímos do Reino de Deus nesta terra de Santa Cruz.

Não dá para correr o risco de ouvir do Senhor: “pois eu estava com fome, e não me destes de comer” (Mt 25,42). É preciso empenho pessoal, comunitário-ecclesial, social e político para superar a fome no nosso País. Os padres do Concílio Vaticano II, nos recordaram: “Sendo tantos no mundo os que são oprimidos pela fome, o Sagrado Concílio insiste com todos, indivíduos ou autoridades, que, lembrados da sentença dos padres: ‘Alimenta quem está morrendo de fome, porque se não o nutriste o mataste’” (GS, n. 69). [...] Que Maria, nossa Mãe, a qual declarou no seu Magnificat que Deus “encheu de bens os famintos” (Lc 1,53) interceda por nós, para que sejamos instrumentos de Deus a realizar esta obra de sua misericórdia. Mãos à obra! É o Senhor quem nos envia!²⁶

Referências

AÇÃO DA CIDADANIA, *Agenda Betinho 2022*.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Alimento dom de Deus, direito de todos. Exigências evangélicas e éticas para a superação da miséria e da fome*. Disponível em: <https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-69-e28093-exig3aancias-evangc3a9licas-e-c3a9ticas-de-superac3a7c3a3o-da-misc3a9ria-e-da-fome.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da Fraternidade 2023: Texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

FRANCISCO. *Audiência Geral de 17 de agosto de 2016*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2016/documents/papa-francesco_20160817_udienza-generale.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

²⁵ Tema do 18º Congresso Eucarístico Nacional, em Recife, PE, em novembro de 2022. Curiosamente as três CF's sobre a fome, estão intimamente ligadas a três Congressos Eucarísticos Nacionais: 1975 – CEN de Manaus, AM; 1985 – CEN de Aparecida, SP e 2023 – CEN de Recife, PE, que deveria ter acontecido em 2020, mas por causa da pandemia da Covid-19 foi adiado até vespertar a CF-2023.

²⁶ CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da Fraternidade 2023: Texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2022. n. 164, 175.



FRANCISCO. *Discurso aos Movimentos Sociais, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, em 09/07/2015*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/confira-a-integra-do-discurso-do-papa-francisco-no-encontro-mundial-dos-movimentos-populares/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

FRANCISCO. *Mensagem para o VI Dia Mundial dos Pobres, XXXIII Domingo do Tempo Comum, 13 de novembro de 2022*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20220613-messaggio-vi-giornatamondiale-poveri-2022.html>. Acesso em: 12 dez. 2022.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Centesimus Annus*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Laborem Exercens*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

JOÃO PAULO II. *Discurso Inaugural da Conferência de Puebla*, III, 3 (AAS, LXXI, p. 201).

MESSIAS, Elvis Rezende; CRUZ, Dom Pedro Cunha. *O Evangelho Social: manual básico de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2020.

PAULO VI. *Carta Encíclica Populorum Progressio*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

PENSSAN. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. *II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil*.